

PSICANÁLISE

David Léo Levisky

Adolescência

Reflexões psicanalíticas

5ª edição

Blucher

ADOLESCÊNCIA

Reflexões psicanalíticas

David Léo Levisky

5ª edição revista e ampliada

Adolescência: reflexões psicanalíticas

© 2024 David Léo Levisky

5ª edição – Blucher, 2024

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Andressa Lira

Produção editorial Departamento de produção

Preparação de texto Maurício Katayama

Diagramação Estúdio dS

Revisão de texto Regiane da Silva Miyashiro

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa Adriana Blay Levisky

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

L666a Levisky, David Léo

Adolescência : reflexões psicanalíticas /

David Léo Levisky. - 5. ed. rev. ampl. -

São Paulo: Blucher, 2024.

496 p.

Bibliografia

ISBN 978.85.212.2490-7 (impresso)

1. Psicanálise. 2. Psicologia da adolescência.
3. Adolescentes - Desenvolvimento
psicossocial. 4. Desenvolvimento adolescente.

CDU: 159.964.2

Índice para o catálogo sistemático:

1. Psicanálise 159.964.2
2. Psicologia da adolescência 159.922.8

Conteúdo

Prefácio à 5ª edição	11
<i>Roosevelt Cassorla</i>	
Prefácio à 4ª edição	17
<i>Alícia Beatriz Dorado de Lisondo</i>	
Prefácio às três primeiras edições	27
<i>Prof. Dr. Maurício Knobel</i>	
Apresentação	33
Parte I Considerações teórico-clínicas	
1. Panorama do desenvolvimento psicossocial do adolescente	41
2. Aspectos psicanalíticos do processo de identificação na sociedade atual	99
3. O processo de identificação do adolescente à luz da psicanálise contemporânea	117
4. A crise dos pais na adolescência dos filhos	191
5. Até quando adolescentes? Adolescência: uma invenção da modernidade?	209

Parte II Casos clínicos: reflexões

6. A questão diagnóstica no trabalho com adolescentes 221
7. O processo psicanalítico 251
8. Trauma e adolescência 273
9. *Acting out*: um meio de comunicação na análise de adolescentes e crianças 289
10. Inscrição mental pré-verbal e contratransferência 315
11. Contratransferência na análise de adolescentes: uma modalidade de comunicação e percepção 337
12. Idioma sem palavras: o inefável na relação analítica com adolescentes 365
13. O psicanalista de adolescentes e de crianças: a identidade psicanalítica 389

Parte III Observações contemporâneas

14. Depressões narcisistas na adolescência e o impacto da cultura 421
15. Os vazios da contemporaneidade: a compulsão como um processo defensivo precoce na adolescência 435
16. Meios de comunicação social: interferências sobre o aparelho psíquico 453
17. A prevenção da violência: genocídio de almas e as funções do Estado e da Sociedade 473
18. Famílias e adolescentes: desafios contemporâneos 483

Prefácio à 5ª edição

Honrado com o convite de David Léo Levisky para escrever o Prefácio a esta nova edição de *Adolescência: reflexões psicanalíticas*, me vi tomado por lembranças emocionadas. Levisky foi meu colega na Escola Paulista de Medicina e nos tornamos psicanalistas pela mesma instituição – a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Nossa vida tem muitos aspectos em comum. Somos descendentes de imigrantes europeus e criados dentro da ética desse grupo – a consideração e o respeito pelo outro. Nosso lar, assim como a mente do psicanalista, acolhe a pessoa como ela se apresenta, sem avaliações, julgamentos ou aconselhamentos. O adolescente, em particular, vivencia essas avaliações, efetuadas pela sociedade e por si mesmo. Por vezes em uma forma tal que promove sofrimento desnecessário.

Tive a satisfação de acompanhar a trajetória profissional de Levisky, que precocemente revelou sua imensa capacidade de entrar em contato com a mente inconsciente, levando-o a tornar-se um dos mais respeitados psiquiatras e analistas de nossa geração. A primeira edição deste livro, de 1995, foi um marco editorial. Ao revê-lo, surpreendo-me com a quantidade de frases que grifei na ocasião, refletindo a

influência que exerceu em minha prática. Mesmo sem os acréscimos a esta 5ª edição, o livro continuaria atual.¹

Como sabemos, a principal função da adolescência é a busca da identidade adulta. Suas vicissitudes incluem o penoso trajeto em que a criança terá que lidar com as transformações corporais, a perda das fantasias infantis, o luto pelos pais do passado, ao mesmo tempo que se vê assolada por impulsos sexuais e agressivos que a deixam assustada por sua intensidade quase descontrolada. A demanda emocional revelará seus recursos mentais para pensar – isto é, transformar em símbolos – o que está vivenciando. Dessa forma, indiretamente, teremos acesso aos fatores precoces que influenciaram a constituição de sua mente.

Lembro-me de M., um menino de 14 anos trancado em seu quarto e recusando-se a falar com qualquer pessoa. Com muita paciência, descobrimos que sofria *bullying* crônico por ser de classe social menos favorecida. Um boato de que teria assediado uma menina fez com que os colegas de escola o condenassem e isolassem. Preso em seu quarto, envolve-se com *games* violentos enquanto entretém ideias suicidas e de vingança contra a escola. Participa de vários grupos de jogadores e ali se sente aceito. Os grupos se comunicam por *chats* que, por sua vez, são utilizados para cooptar jovens para grupos fanáticos. É convencido que as mazelas do mundo são causadas pelo empoderamento das mulheres, dos negros, dos grupos LGBTQ+, dos indígenas, pelo “marxismo cultural” etc. As ideias se expandem como certezas. São dezenas de grupos de todo o mundo. A democracia tem que ser extinta e os conflitos devem ser resolvidos por meio da violência. Propõe-se ataques terroristas em locais públicos e, em particular, nas escolas. Os membros se inspiram nos massacres anteriores e usam codinomes de “heróis” que praticaram tais atos e em líderes que pregam o ódio.

1 Nota do autor: os dois últimos capítulos foram acrescentados ao livro posteriormente ao falecimento do querido Roosevelt Cassorla, amigo de todas as horas, ocorrido em setembro de 2024.

Jovens como M., independentemente da intensidade dos traumas externos, estão em busca de algo que os faça se sentirem existentes. Podemos supor que essa sensação decorre de situações traumáticas ou deficitárias do início da vida, que foram reativadas – na adolescência – pela rejeição cruel de seu ambiente. Ao participarem de grupos fanáticos, “donos da Verdade”, sentem-se importantes, protegidos e estimulados por figuras poderosas que serão seguidas acriticamente.

Levisky e o autor deste Prefácio poderíamos ter o mesmo destino de M. (e o leitor também), já que a sociedade mantém grupos desse tipo, religiosos e ideológicos, que se oferecem aos adolescentes, ávidos de figuras de identificação. A maioria logo se dá conta da idealização, mas alguns se tornam adictos a eles. Essa adicção, assim como outras (drogas, jogos, internet, satisfações orais), indicam falhas na constituição da mente, que buscam preenchimento desesperado.

Neste livro, a criatividade do autor nos brinda com textos em que, de forma clara e profunda, são discutidos fatores relacionados ao desenvolvimento adolescente e suas perturbações, sem descuidar dos aspectos familiares e sociais. Defrontamo-nos com uma clínica psicanalítica densa e complexa, longe de ideias panfletárias que buscam reduzir a psicanálise a fórmulas simplistas. Saliento a riqueza das situações clínicas apresentadas generosamente, em forma original. Levisky discute as características do processo analítico nessa faixa etária e aborda, em detalhes, a questão do *acting-out* e as situações em que faltam as palavras para comunicar estados afetivos. Tratam-se de reflexões e ensinamentos de um analista engajado com o conhecimento e a técnica analítica, buscando promover o desenvolvimento de seu paciente, para que se torne ele mesmo. Ao mesmo tempo, o autor nos mostra a relação inexorável entre o crescimento mental do analista e seu trabalho. A leitura nos faz pensar em nossa própria clínica.

A convivência com Levisky me fez admirar sua generosidade, que se vincula à capacidade de indignar-se diante das injustiças desumanizadoras. O leitor perceberá que esses aspectos perpassam todo o

livro. Lembremos do idealismo próprio da juventude que, questionando o *status quo* adulto, estimula mudanças civilizatórias. O mundo adulto tem a função de acolher o jovem sonhador tolerando um certo grau de imprudência decorrente da impulsividade própria da fase adolescente.

M., como muitas crianças e jovens de todas as épocas, não foi aceito como ele pôde ser. Situações traumáticas como a descrita têm sido identificadas cada vez mais em nossa sociedade, e supomos que sempre existiram. No entanto, vivemos uma época em que o *bullying* e o maltrato se multiplicam pelas redes sociais em uma rapidez incontrolável. Por outro lado, a mente com dificuldades para pensar – isto é, viver na realidade triangular – se encontra diante de transformações sociais aceleradas, conseqüentes à quebra dos sólidos valores da sociedade industrial. Dentro dessa modernidade “líquida”, o jovem tem mais dificuldade de processar as novas experiências. Sente-se fragilizado, carente de referenciais, perdido perante demandas confusas de uma sociedade que não sabe o que deseja e o deixa sem recursos.

Mudanças, sentidas por alguns como terríveis, são fatos da vida e, como tais, tanto trazem benefícios como problemas. São temas que estão disponíveis para serem pensados de forma criativa. Espera-se que os psicanalistas, como o faz Levisky, participem dessa tarefa. A mente humana é maravilhosa – ela cria, transforma, destrói, reformula, adapta-se, critica, readapta-se –, e o analista terá que observar isso, tentar compreender e participar, sendo-ele-mesmo. O autor nos alerta para o cuidado que devemos ter para não rotular o adolescente a partir da visão do adulto. A frase “no meu tempo era melhor” pode indicar menos preocupação que inveja do jovem, que tem toda a vida para descobrir e transformar o mundo.

Portanto, o analista de adolescentes terá que lidar com o mundo virtual, com o *bullying* internético, com os *chats* e o sexo virtual, com as cirurgias plásticas e as dietas anoréticas, com a sexualização precoce, com a globalização e a pressa, com a inteligência artificial, com o

fanatismo, a corrupção e a mentira, com os caminhos e descaminhos do amor e da destruição – nada diferente do que sempre foi, apenas surgindo sob outras formas.

Havia segredos em relação aos quais minha mãe reagia enfurecida. . . Essas turbulências faziam surgir imagens assustadoras, e me tirar o sono. . . Teriam elas vivido experiências terríveis, lembranças esquecidas da Europa opressora? Conflitos que faziam-nas retornar ao passado? Que evocavam vivências de dor, de perdas de pessoas queridas, de bens, de raízes, do cheiro da terra? Questionamentos que minha criança não era capaz de pensar. Ninguém falava dos conflitos, nem do passado, nem do presente.

O parágrafo anterior é de outro livro de David Léo Levisky: *Meu pai, um desconhecido?*. Nele o autor revela sua vertente biográfica. O trecho se refere à origem de possíveis traumas transgeracionais. Levisky é um autor que expõe seus conflitos e é evidente que essa auto-percepção se vincula a sua capacidade analítica e científica. Adiante escreve:

Carrego vestígios de sentimentos primitivos profundos, escondidos em mim, em áreas que não tive acesso . . . Percebo a existência de um núcleo duro e obscuro da personalidade, de origem desconhecida, que se mantém em segredo para mim mesmo, mas que também serve de estímulo à curiosidade e à expansão. Área habitada por monstros inomináveis que me assustavam na infância ao ouvir estalos e ruídos noturnos, o ranger das madeiras, fantasmas da infância que falavam a linguagem do perigo. . . . Precisava me esconder, agarrar-me à minha mãe diante do trágico que estava a acontecer, prenúncio do fim dos

tempos. Na vida adulta, o perigo estava na impulsividade atraída pelo perigo, pelo desconhecido. A percepção e o conhecimento têm me ajudado a preencher algumas lacunas de um passado presente que tento alcançar, e me acalmar.

Temos, portanto, o privilégio de ler um autor que nos mostra os recônditos de sua alma. Percepções compartilhadas que servirão de pano de fundo a nossa leitura.

A publicação de *Meu pai, um desconhecido?* se segue a outros livros. Em particular, *Um monge no divã: a trajetória de um adolescer na Idade Média central*, sua tese de doutoramento em História, resultado de um profundo envolvimento na literatura da época em conexão com o conhecimento psicanalítico. Nesse texto, Levisky identifica os mesmos conflitos do adolescente atual em um jovem na Idade Média.

O leitor perceberá, na sutileza do texto de *Adolescência: reflexões psicanalíticas*, a ideia de Levisky de que o analista tem que ser ele-mesmo, condição para poder vivenciar e compreender o mundo para além de máscaras, falsidades e enganos que constantemente ameaçam. Porém, sem a ingenuidade de acreditar que ele (e o mundo) se livrarão totalmente desses elementos, que... também fazem parte da vida.

Estou certo que, diante desta obra, o leitor pensará em sua própria adolescência e se sentirá enriquecido pelos pensamentos de David Levisky.

Prof. Dr. Roosevelt Cassorla (*in memoriam*)

Professor Titular da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Membro efetivo e didata das Sociedades Brasileiras de Psicanálise de São Paulo e Campinas.

Prefácio à 4ª edição

Seja muito bem-vindo à 4ª edição do livro *Adolescência: reflexões psicanalíticas* de David Léo Levisky. Um clássico para todos os profissionais interessados nos mistérios da mente humana, seu desenvolvimento e as perturbações que levam ao adoecer. A clareza da escrita revela a maturidade do autor, que não fica aprisionado a nenhuma escola de pensamento, circula entre elas e realiza sua síntese pessoal. A primorosa e contundente exemplificação clínica não só ajuda a complexa compreensão insaturada do tema exposto, como mostra com humildade, sagacidade e perspicácia a mente do analista trabalhando: David, despido das roupagens do superego institucional, do aprisionamento das teorias-fontes, de memórias e desejos e dos “mandamentos técnicos”, mostra sua criativa identidade profissional na clínica.

No Capítulo 1 – “Panorama do desenvolvimento psicossocial do adolescente” – o autor enfatiza que a adolescência é um processo psicossocial de crise, marcado pela vulnerabilidade, diante da procura da identidade adulta. Cada civilização, primitiva ou moderna, oferece a ela um significado social, centralizado no tabu do incesto e no

significado da representação totêmica. Os “rituais de passagem”, que facilitam a integração à comunidade adulta, são interferidos por novos valores e perdem o significado.

Há uma dissociação entre o crescimento biológico e os diferentes níveis de desenvolvimento mental. A sociedade não acolhe o adolescente.

No Capítulo 2 – “Aspectos psicanalíticos do processo de identificação na sociedade atual” –, ele nos alerta sobre as diferenças conceituais entre imitação, introjeção, incorporação, interiorização, identificação projetiva e empatia, que participam do processo de identificação. Contudo, David não se detém nelas.

Ele salienta, na cultura moderna, outras formas de canibalismo, como a miséria e os vários sistemas de poder que desconsideram as minorias. Há um perigo quando, em vez de se conquistar a individualidade, exacerba-se o individualismo.

As “carências múltiplas” se perpetuam, numa negação trágica da dolorosa realidade. O computador e os *videogames* podem eternizar a relação com o fantástico, com a onipotência, com a violência, levando à alienação do *ser*. A relação vida e morte é banalizada, num “*processo de congelamento afetivo*” por fracasso ambiental, segundo Winnicott (1976).

O Capítulo 3 – “O processo de identificação do adolescente à luz da psicanálise contemporânea” – trata da transição do processo de latência-adolescência e início da adolescência. As poesias de Alessandra – entre outros exemplos clínicos – marcam o percurso auspicioso percorrido pela dupla. O analista ressalta as dificuldades para alcançar um diagnóstico diferencial entre normalidade e patologia na adolescência. Penso que, diante das ciências da complexidade, a psicanálise contemporânea precisa repensar os conceitos de normalidade e patologia, tendo em conta a estrutura da personalidade, seus mistérios e as vibrações entre os diferentes estados mentais.

O autor aborda a *envelhescência* dos pais no confronto geracional com o filho, que exige mudanças e transformações nas relações familiares.

David alerta que os estados primitivos da mente (EPM), presentes no self primitivo, podem aflorar na revolução turbulenta que o adolescente enfrenta para *tornar-se* um adulto, dificultando as discriminações. A apreensão desses estados, às vezes reeditados na adolescência, é fundamental para mergulhar nos alicerces da personalidade.

“Mudanças da geografia psíquica” é a feliz expressão do autor para nomear os novos espaços do adolescente, que precisa gradativamente se separar da família.

David levanta a possibilidade de aproximar os conceitos de protorrepresentação de Freud, as pré-concepções de Bion e os conhecimentos inatos de Klein.

Parece-me arriscada essa corajosa tentativa porque esses conceitos surgem de leituras epistemológicas diferentes. Contudo deixo aberta a controvérsia para alimentar dúvidas, incertezas e afinar o rigor conceitual com as hipóteses de ignorância.

No Capítulo 4 – “A crise dos pais na adolescência dos filhos” –, o confronto entre pais e filhos é explicitado diante das transformações de ambos os participantes do vínculo.

A crise da adolescência acontece num momento da vida, com uma história viva que aflora. A adolescência dos pais é sacudida e aparece no confronto geracional. A configuração edípica, diante das mudanças corporais e psíquicas dos filhos e dos pais, é acesa. Um novo trabalho psíquico é solicitado para uma nova ressignificação edípica que garanta ao filho os lugares de assimetria e autoridade na crise adolescente, e aos pais na crise da meia-idade.

A ação protetora e controladora dos pais cria um confronto de poderes. A omissão potencializa o desamparo e priva o filho dos necessários limites e modelos de identificação.

David, com humor e criatividade, apela para uma atitude *supervisionadora a distância*. “A que distância no espaço inter-relacional?”, ele indaga. Levisky não cai na perigosa tentação de dar respostas.

Os filhos, na busca de autoafirmação, podem desejar “assassinar” os pais da infância. Outras vezes, filhos e pais podem perpetuar estados infantis de mente que freiam o verdadeiro crescimento.

Segundo o Capítulo 5 – “Até quando adolescentes? Adolescência: uma invenção da modernidade?” –, a adolescência se inicia na puberdade. Ela não é fruto exclusivo da cultura, nem é um fenômeno exclusivamente biológico.

O autor passeia pela Idade Média e o romantismo com maestria até chegar a sua tese de doutorado: *Um monge no divã – A trajetória de um adolescer na Idade Média Central*. Ele é categórico em afirmar que a adolescência é um fenômeno universal que acompanha o homem civilizado no processo de elaboração edípica e na construção da subjetividade.

No Capítulo 6 – “A questão diagnóstica no trabalho com adolescentes” –, o autor usa elementos semiológicos e metapsicológicos (Krynski, 1977). O conhecimento do paciente sempre será parcial, limitado, transitório.

David nos alerta que, em crianças e adolescentes, o desenvolvimento está em jogo. Muitas manifestações são transitórias. A imagem do caleidoscópio lhe permite exprimir sua postura diante da plasticidade dos sintomas e o polimorfismo da personalidade, cuja configuração se transforma quando se imprime movimento.

A cultura contemporânea é um agravante a ser levado em conta na avaliação. Ela é liberalizante, facilitadora e destrutiva. Incide no prolongamento da adolescência, dificultando o acesso à vida adulta.

No Capítulo 7 – “O processo psicanalítico” –, vê-se que a exigente formação do analista na sua longa análise pessoal, sua personalidade, ao se permitir entrar em contato com os EPM de sua mente, os

estados psicóticos e *borderline*, as conquistas clínicas ao recriar a *techné* tendo em conta o zelo com o *setting* mental do analista e os avanços teóricos, têm viabilizado e ampliado a abrangência da psicanálise de adolescentes. O autor enfatiza, entre as aptidões do analista: a capacidade lúdica, o humor, a plasticidade, a liberdade interior, a empatia, a flexibilidade. Eu acrescento: a humildade, a capacidade negativa, a esperança, o amor pelo método, a paixão pela psicanálise, entre outros.

Há uma indagação palpante entre os limites e as diferenças entre a psicanálise e a psicoterapia de base analítica. O autor salienta a importância da sólida formação do profissional, por um lado, e a singularidade do paciente, por outro. Essa clínica exige uma disciplina rigorosa para manter o sigilo ético que o paciente adolescente ausculta nas entranhas do profissional, quando também os pais são convocados. Ninguém pode ser *pombo-correio*.

O analista que ousa clinicar com crianças e adolescentes, escreve o autor – e que observa um bebê pelo Método Esther Bick (1945), acrescento eu – desenvolve recursos internos e ferramentas para trabalhar com pacientes adultos e pacientes graves.

No Capítulo 8 – “Trauma e adolescência” –, com precisão, David enraíza o trauma como algo insuportável que afeta a espontaneidade e a autonomia do sujeito.

Nesse momento da vida, a identificação está em plena reestruturação e atinge a *matriz identificatória*.

A sociedade pós-moderna não é um bom continente para que o jovem expresse, module e transforme sua impulsividade. O mar de *globalbarbaridades*, como o erotismo exagerado, tudo por dinheiro e a corrupção explícita e impune, afundam o adolescente nas trevas da deterioração mental.

O autor enfatiza a crueldade diante do *genocídio de almas* na América Latina, África, Ásia e Oriente. Crianças e adolescentes são condenados à morte psíquica pela privação de bons vínculos primários que

deixam buracos no tecido mental, sem permitir o desenvolvimento emocional, cognitivo, criativo e reparador. Como profissional comprometido, David levanta a voz para alertar, com vasta argumentação científica, que “tudo começa em casa”, primeira célula da sociedade. A desagregação familiar com maus-tratos, abusos psíquicos e físicos é um perigoso fator que impede a criação do sujeito.

No Capítulo 9 – “*Acting out*: um meio de comunicação na análise de adolescentes e crianças” –, encontramos a criatividade artística do autor, seu talento para sustentar a identidade analítica em situações inimagináveis.

Para David, o *acting out* faz parte da comunicação primitiva, pré-verbal, pré-simbólica. Não necessariamente é defensivo. O autor o considera como uma manifestação do processo primário, que comunica os EPM, quando o self e o objeto estão indiscriminados.

Segundo o Capítulo 10 – “Inscrição mental pré-verbal e contratransferência” –, o *acting out* e as manifestações psicossomáticas podem ter, na sessão, a função de comunicação primitiva na linguagem pré-verbal, pré-simbólica.

A contratransferência é um instrumento sensível, valioso para a compreensão dos EPM. Ela é inconsciente, mas o analista pode perceber seus reflexos e repercussões. A “interpretação simbólica” difere da “interpretação pré-verbal”.

No Capítulo 11 – “Contratransferência na análise de adolescentes: uma modalidade de comunicação e percepção” –, lê-se que a contratransferência é uma modalidade de comunicação e percepção dentro do processo analítico no “sistema receptor”. Ela é uma ferramenta útil e sensível, quando há empatia na relação.

David considera utópica a existência de uma relação analítica neutra e pura. E ainda salienta a necessidade de treinar o terceiro olho, o olho interno do analista, para aprender a observar e se observar para ampliar o continente receptivo da função analítica.

O corajoso autor não silencia a participação do analista nas análises interrompidas. O analista pode *abandonar* o paciente por falta de compreensão. Aspectos contratransferenciais podem irromper e provocar a interrupção da análise.

A possibilidade de analisar qualquer paciente surge da relação. Não há *a priori* lógicos.

Segundo o Capítulo 12, intitulado “Idioma sem palavras: o inefável na relação analítica com adolescentes”, há, nessas análises, uma comunicação pré-verbal, inefável, indizível e encantadora que expressa os EPM por meio do sensorial, corporal, gestual. O autor se vale do *gesto espontâneo* de Winnicott para exprimir o nível lúdico na relação, que se organiza a partir do caos e do imprevisível. Não há script prévio.

A atitude analítica transcende a célebre atenção flutuante proposta por Freud. Ela exige disponibilidade física e espontaneidade de movimento psíquico para poder estar com o outro, sem perder a função analítica. O resgate do adolescente interno do analista abre caminhos.

No Capítulo 13 – “O psicanalista de adolescentes e de crianças: a identidade psicanalítica” –, para o autor, a análise de adolescentes é interessante, agradável, angustiante, surpreendente e gratificante.

A vibração, o contato direto mente/mente, inconsciente/inconsciente, a velocidade das atuações são próprias dessas análises. O analista precisa ser capaz de viver entre incertezas, albergar dúvidas, tolerar e respeitar os próprios limites.

A personalidade do analista precisa ser razoavelmente integrada para poder suportar as intensas identificações projetivas e a expressão dos EPM do paciente. Os aspectos adolescentes do analista, positivos e negativos, são convocados. O *setting mental* prevalece, ele pode ter ultrapassado os limites geográficos da sala de análise. O analista precisa criar uma distância interna para manter a função observadora binocular.

O falso self profissional é detectado pelo paciente. O analista precisa ser verdadeiro, sincero, confiável e capaz de se deixar atingir na

sua identidade. Humor, espírito jovial, capacidade lúdica, certo prazer no desafio, espontaneidade, criatividade, tolerância à frustração são qualidades necessárias na personalidade do analista. O autor é um exemplo! *Não existe um analista ideal, mas um ideal de analista.*

Ser analista é uma profissão difícil, mas não impossível.

O Capítulo 14 – “Depressões narcisistas na adolescência e o impacto da cultura” – indica que é preciso distinguir o *sentimento de tristeza*, diante da dor pela perda do objeto querido, do *sentimento de depressão*, condição emocional prolongada que atinge vários aspectos da personalidade e cujo vazio não se preenche com o passar do tempo. Os sentimentos de autoestima e de autoconfiança aparecem abalados.

As depressões narcisistas mobilizam feridas narcisistas e sentimentos de fracasso, de incompetência e de baixa autoestima, resultantes de experiências remotas frustrantes na estruturação self-objeto primitivo.

Na sociedade contemporânea, os mitos e ritos universais que marcam a passagem do tempo estão enfraquecidos, e surgem os mitos e ritos individuais. Há uma realidade psicossocial confusa e dissociada.

No último capítulo – “Meios de comunicação social: interferências sobre o aparelho psíquico” –, Levisky discute que a mídia, principalmente a eletrônica, associada aos poderes econômicos, tem se distinguido no seu papel *formador* e *deformador* da opinião pública ao interferir na própria estruturação do aparelho do pensar e nas atividades neuropsíquicas. Alterações funcionais e estruturais podem ocorrer nos modelos de percepção, de maneira contínua e sem nenhuma resistência (McLuhan, 2011).

A discriminação entre real, imaginário, virtual e real-virtual fica comprometida e afeta as relações temporais e espaciais. Pode haver confusão entre sonho, fantasias conscientes e inconscientes, realidade interna, virtual e concreta, todas integrantes dos vários níveis de subjetividade: *intra, inter, trans.*

Esses meios de comunicação estimulam a prevalência dos EPM: ilusão da permanência em estado de gozo, a satisfação imediata de desejos, a onipotência, a cisão, a negação.

Esses aparelhos estão destituídos daquilo que é essencial na relação humana: o calor afetivo do contato humano gerado pela presença física daqueles que investem emocionalmente na criança. São vínculos que possibilitam a incorporação progressiva de elementos no processo de identificação, na construção da identidade e da personalidade. A TV possui um poder doutrinador e é um modelo de identificação de hábitos, costumes e comportamentos.

Qual será o futuro da vida psíquica de crianças e adolescentes submetidos a essa estimulação maciça e precoce?

Pretendo que o leitor, após este prefácio, mergulhe no texto, para dialogar com o autor. Manter a vivacidade das questões nutre a ciência e esculpe nossa identidade. O que é que o paciente coloca no analista que, da personalidade do analista, é detonado pelas atuações, tropismos, dramatizações, fantasias, pensamentos, sonhos do paciente? Análise ou psicoterapia com adolescentes?

Deixo o leitor se deliciar com a beleza, o frescor, os mistérios e a profundidade dos casos clínicos, obras-primas de um analista experiente, apaixonado pela sua profissão.

São Paulo, julho de 2013.

Psicol. Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

Membro efetivo, analista didata e analista de crianças e adolescentes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Prefácio às três primeiras edições (publicado a partir da 1ª edição em 1995)

A psicanálise da adolescência e dos adolescentes apresenta uma situação no mínimo paradoxal. Pouca literatura autenticamente psicanalítica; muitos psicanalistas e psicoterapeutas de adolescentes.

Na língua portuguesa, as publicações são poucas, as bases teóricas apresentadas são diferentes e, às vezes, não muito bem definidas, até confusas e misturadas. As chamadas “experiências terapêuticas” multiplicam-se em sua simplicidade e ingenuidade, quando não respondendo a atividades improvisadas, basicamente com finalidade política.

Não cabe dúvida sobre a necessidade de uma compreensão e de uma ação em prol da nossa adolescência. Porém, a intuição e a boa vontade não podem substituir o estudo, a pesquisa séria e a formação esforçada de profissionais da saúde que pretendem trabalhar com a população nessa faixa etária.

David Léo Levisky, psicanalista formado na rigidez e disciplina de um Instituto de Psicanálise de São Paulo e psiquiatra de crianças

e adolescentes por vocação e formação clínico-teórica, dedicou-se, felizmente, a preencher um vácuo na literatura científica da adolescência.

Este seu livro abre um caminho, assinala um roteiro de estudos e oferece material para refletir, aprender, aprofundar e pensar psicanaliticamente sobre esse importante objeto de estudo.

Entretanto, logo no início, percebe-se a preocupação do autor com a realidade desse, às vezes desconhecido, “mundo externo”, e sua determinante configuração do “mundo interno”. O que alguns analistas, entre os quais considero importante destacar Melanie Klein, Fairbairn, Pichon Rivière e Winnicott, entre outros, já ousaram estudar e sugerir ampliar neste sentido o afazer psicanalítico.

No seu *Panorama do Desenvolvimento Psicossocial do Adolescente*, Levisky manifesta sua tomada de posição e praticamente apresenta um resumo de seu vértice pessoal para o estudo que pretende desenvolver.

Considero importante que o autor não pressupõe que o leitor já domine o assunto, e inicia assim uma apresentação das bases psicanalíticas da organização psíquica, de singular importância para refrescar nossa memória psicanalítica e, em alguns casos, motivar para começar real e verdadeiramente o estudo dessa visão do psiquismo que a psicanálise oferece.

O autor incursiona pelo desenvolvimento psicosssexual, aborda os temas de ereção, ejaculação, menstruação, masturbação e toda a complexidade da relação do/da adolescente com o corpo.

Sua falta de sectarismo o leva a considerar o desenvolvimento cognitivo desde uma perspectiva piagetiana. Não se trata de um ecletismo sem compromissos, e sim de uma integração clínica e teórica enriquecedora, que o libera dos estudos sectários anticientíficos.

Na terapêutica psicanalítica com adolescentes, penso que, querendo ou não, usamos técnicas cognitivas e condutuais, e não poucas

vezes reforços positivos e/ou negativos, além de dramatizações e não poucas “atuações”, produtos todos da necessidade clínica circunstancial, que nos obrigam a refletir sobre a influência dos conhecimentos transferenciais e contratransferenciais, que Levisky estuda com maior profundidade neste seu moderno e, mais do que isso, seu atualíssimo livro, o qual me honro em prefaciá-lo.

A normalidade adolescente é aqui atualizada. A visão desse autor nos vincula com exemplos de observação à nossa realidade socioeconômica. “A sociedade contemporânea é profundamente contraditória”, afirma Levisky, e assim discute problemas que vão desde a AIDS até a escolha profissional, e dedica um importantíssimo capítulo deste livro ao processo de identificação na sociedade atual. Aqui o perfil do psicanalista é mais agudo e doutrinário. Entretanto, não omite suas considerações pragmáticas e recomendações de uma atividade preventiva, sob um ponto de vista psicanalítico.

Vale salientar que, como toda psicanálise, este trabalho surge da experiência clínica do autor e não é fruto de uma teoria prévia, que *a posteriori* se procura avaliar com exemplos distorcidos e/ou inventados. Assim, aparecem Cláudia, de treze anos de idade, Fernando, de quinze, N. e outros, que – como sempre – ensinam muito ao autor e aos seus leitores.

Para elevar ainda mais o valor do livro, Levisky consegue introduzir seus estudos sobre o período da latência, também pouco aprofundado na literatura psicanalítica.

Baseando-se em Melanie Klein e neokleinianos, Levisky considera fundamentais os estágios primários do psiquismo, as fantasias infantis precoces e até o psiquismo fetal. Porém, não nega a importância dos processos psíquicos em todas as idades e suas respectivas repercussões no *continuum* das identificações. Lutos e interações projetivas-introjetivas acontecem durante a vida toda. É assim que revivemos e conservamos aspectos infantis, componentes adolescentes

e juvenis e, agora posso dizer, até reestruturações de nosso aparelho psíquico na velhice, quando o remanescente da adolescência permite ainda planejar.

Importantes são a revisão dos conceitos sobre narcisismo e a introdução em nosso meio das contribuições valiosas de Bleger, psicanalista de ideologia dialética que valoriza tanto os componentes não discriminados como os discriminados de nossa estrutura psíquica e que, com suas ideias sobre vínculo e relações objetais, dá uma nova dimensão à psicanálise em geral, e à psicanálise da adolescência em especial.

Seria impossível que, com tanta experiência clínica, os conflitos pais-filhos adolescentes fossem omitidos. Levisky os apresenta com a simplicidade da experiência cotidiana e a profundidade do experiente psicanalista. Até as dificuldades do analista de adolescentes são estudadas com honestidade e muita sinceridade.

O diagnóstico na adolescência merece bastante atenção do autor, que aqui preenche outro vazio da literatura tanto psicanalítica como psiquiátrica desse período da vida.

Uma novidade singular é apresentada neste livro: casos clínicos. Alberto, F., “O leão e o domador” permitem ilustrar as ideias aqui apresentadas. Os fenômenos transferenciais e contratransferenciais são claros, especialmente os últimos, aos quais o autor dá destaque de capítulo, e que, espero, servirão para o aprendizado da prática psicanalítica em geral.

Cada capítulo apresenta uma prática bibliografia, evidentemente bem conhecida e estudada pelo autor. Sabemos de seus profundos conhecimentos psicanalíticos. Aqui isto se faz evidente. Porém, sua maior erudição, como aparece neste livro, está na prática clínica psicanalítica, seu pragmatismo, seu uso da contratransferência, sua compreensão do *acting out*, sua preocupação com os problemas psicossociais.

É manifesto seu interesse em nos oferecer, generosamente, sua experiência como psicanalista e como psiquiatra de crianças e adolescentes inserido em nosso meio, em nossa problemática socioeconômica e em nossa realidade.

Levisky atinge o ideal de Winnicott por ele citado: “meu trabalho é ser definitivamente eu mesmo”. Ele conseguiu. Talvez, com este livro, outros também possam compreender a importância de ser o terapeuta que cada um só pode realmente ser...

Campinas, junho de 1994.

Prof. Dr. Maurício Knobel

*Psicanalista e Psiquiatra. Professor Emérito da
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)*

Apresentação

Depois de 25 anos de trabalho com crianças e adolescentes, revendo aulas, conferências, debates e publicações, descobri que havia produzido quase um livro. Selecionei os artigos mais expressivos, que refletissem a evolução dos meus pensamentos e da postura profissional. Senti a necessidade de reescrevê-los e de preencher lacunas produzindo novos textos.

Compartilhar minhas ideias vinha se tornando cada vez mais presente, culminando na elaboração deste livro. Elas são provenientes das dúvidas e inquietações oriundas da minha experiência clínica, como profissional da psicanálise e da psiquiatria infantojuvenil, e como pai de adolescentes.

De formação inicialmente médica, encaminhei-me para a psicanálise, área instigadora do conhecimento que me levou a refletir sobre diferentes aspectos do psiquismo humano, a inserção do homem na sociedade, sua integração pessoal e vicissitudes do seu processo evolutivo.

Dentro desse espírito, o livro está organizado em três partes. A primeira, teórico-clínica, descreve a fenomenologia macro e microscópica e os elementos conceituais dos eventos psicossociais da

adolescência. Estes são observados pela leitura subjetiva que faço das correntes psicanalíticas que servem de subsídios para o meu trabalho clínico. Na segunda, abordo questões que envolvem o diagnóstico e o processo psicanalítico, com ênfase às questões transferenciais/contratransferenciais, aos meios de comunicação primitivos e atuais e à identidade profissional na atividade psicanalítica. A terceira parte aborda questões da contemporaneidade.

Minhas motivações relacionadas com a adolescência são longínquas. Hoje, posso identificá-las como ligadas à minha adolescência e, certamente, à minha biografia infantojuvenil. Mas não me estenderei às minhas origens. Vou partir da própria adolescência.

Recordo com saudades, e com certa nostalgia, o processo que se reproduz, atualmente, na relação com os filhos. Hoje, sou grato e capaz de compreender o esforço de meus pais ao tentarem me transmitir suas ideias e valores. Incentivaram-me a frequentar atividades grupais. Desejavam com isso preservar uma identidade cultural, ética e social. Sentiam-se mais seguros vendo o filho frequentando um ambiente relativamente protegido, fundamentado em ideologias educacionais, políticas e sociais afins.

Foi um empenho com conflitos, o qual acabei aceitando sob pressão, com um tanto de submissão e revolta, reflexos de minhas resistências e manifestações de autonomia e autoafirmação. Enfrentei o novo de tal maneira que me apaixonei pelas atividades do movimento juvenil, dedicando-me de corpo e alma. Nova fonte de conflitos surgiu com meus pais, pois eu sumia de casa, não dedicava o tempo que eles julgavam necessário aos estudos, e trazia ideias alienígenas que se confrontavam com as deles. Nada diferente do que se passa na relação atual com os filhos, acrescido das preocupações que caracterizam a sociedade atual. A emergência de conflitos entre pais e filhos era inerente a qualquer família de classe média de judeus imigrantes que procurava oferecer aos filhos educação, cultura e meios para trabalhar, onde quer que estivessem.

Foi assim que, antes e durante a vida acadêmica, vivi a adolescência e a juventude, participando de atividades e formando líderes dentro da comunidade, na Casa da Juventude da Congregação Israelita Paulista e Grupo Escoteiro Avanhandava. Lá descobri meus primeiros “ídolos”, meus novos modelos identificatórios, o casal Sima e David Sztulman, educadores eméritos que, com carinho, presença e firmeza, ajudavam-nos a identificar perspectivas de vida, descobrir a liberdade e a encarar a realidade.

Cedo decidi estudar Medicina. Já na faculdade, interessei-me pela criança e seus problemas. Durante a vida acadêmica, estagiei no berçário da Casa Maternal Leonor Mendes de Barros, guiado pelo pediatra Manoel Saldiva Netto, que junto com Benjamin Kopelman representavam meus novos “ídolos” na busca de uma identidade profissional.

Durante esse percurso, nova descoberta: a existência de uma especialidade chamada Higiene Mental. Nessa época, iniciava-se na Escola Paulista de Medicina a Clínica de Estudos sobre a Deficiência Mental (Clideme). O saudoso Bernardo Blay apresentou-me ao chefe desse serviço, o prof. Stanislaw Krynski, figura carismática, presença marcante, que me acolheu e acreditou em minhas possibilidades de desenvolvimento, introduzindo-me na psiquiatria infantil e da adolescência. Trabalhamos juntos durante vários anos no Centro de Habilitação da Apae de São Paulo. Lá existia um Centro de Observação para o diagnóstico diferencial entre deficiências mentais e outras patologias psiquiátricas da infância. Estudamos muito sobre a síndrome autística, junto com os professores Aron Diamant e Benjamin Schmidt. Frequentava nessa época os ambulatórios de psiquiatria infantil da Escola Paulista de Medicina, como estagiário, no serviço do professor Darci de Mendonça Uchôa, e o ambulatório de psiquiatria do Hospital do Servidor Público do Estado, no serviço do professor Carol Sonenreich, como médico do setor de Psiquiatria Infantil, coordenado pelo doutor Oswaldo di Loretto.

Continuava durante todo esse tempo ligado à juventude, dando cursos para jovens e palestras em escolas para pais e professores.

Desejoso de aprofundar meus estudos de psiquiatria infantil e da adolescência, rumei para a França por meio de um programa de intercâmbio científico-cultural franco-brasileiro. Com bolsas dos dois países e da Apae, levei para lá um projeto de pesquisa sobre Autismo Infantil para ser desenvolvido no Hôpital de la Salpêtrière, no serviço do professor J. D. Duché. Por meio dos meus mestres e com a colaboração do professor Cyrille Koupernik, fui introduzido no Centro Alfred Binet, onde tive o privilégio de acompanhar os trabalhos com crianças e adolescentes realizados pelos professores Serge Lebovici e René Diatkine. Frequentando os dois serviços mencionados, pude confrontar os posicionamentos de escolas psiquiátricas distintas e descobrir a importância da psicanálise para a compreensão dos fenômenos psíquicos. Meus conhecimentos até então eram de psiquiatria psicodinâmica. A psicanálise era coisa ainda muito distante para mim.

De volta ao Brasil, estimulado pela rica vivência profissional, e humana, interessei-me pela psicanálise. Continuei trabalhando na Apae e como diretor técnico do Centro Israelita de Assistência ao Menor (Ciam). A seguir, minhas atividades institucionais concentraram-se no Serviço de Higiene Mental do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Nessa época dedicava-me intensamente à clínica privada. Na ocasião, conheci o professor Maurício Knobel. Por meio de seus livros sobre adolescência e psiquiatria infantil, prossegui os estudos, agora imerso nas teorias psicanalíticas.

Por ocasião do meu retorno, iniciei a análise pessoal com Cesar Otalagano, primeiro a tentar flexionar minhas rígidas estruturas mentais. Prossegui com Yutaka Kubo, que me acompanhou por longos anos durante minha formação analítica.

O instrumental analítico cada vez mais tornava-se instigante e intrigante, ampliando espaços, gerando dúvidas e abrindo horizontes, incorporando-se ao meu espírito e modo de ser. Concomitantemente, segui os cursos do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, sendo supervisionado por Gecel Sztterling, Lígia Alcântara do Amaral e Virgínia Leone Bicudo. Durante todo esse tempo, estive ligado ao atendimento de crianças e adolescentes em análise e psicoterapia de base analítica, acrescido do atendimento de adultos.

Prossigui meus estudos fazendo o curso de formação de analista de crianças e adolescentes. Hoje, tendo completado a hierarquia institucional, sou analista didata dessa sociedade. Além dos cursos de formação básica, tenho colaborado como membro do grupo de coordenação do curso de formação de analistas de crianças e adolescentes do referido Instituto, centralizando meus estudos na área da adolescência.

Espero não ter cansado o leitor, mas queria transmitir algo deste novelo que faz parte das motivações conscientes e inconscientes, na busca que cada um realiza durante este processo, interminável, de identificação.

Quero deixar meu reconhecimento a todas essas pessoas que influenciaram na minha formação profissional, na certeza de estar sendo injusto pela omissão de muitas outras, tão queridas e incorporadas ao meu modo de ser, mas que a memória não ajudou a lembrar.

Espero que este livro possa ser útil e abra espaço para novas reflexões.

PARTE I

Considerações teórico-clínicas

1. Panorama do desenvolvimento psicossocial do adolescente

Aspectos socioculturais da adolescência

A adolescência é um processo que ocorre durante o desenvolvimento evolutivo do indivíduo, caracterizado por uma revolução biopsicossocial.

O processo adolescente marca a transição do estado infantil para o estado adulto. As características psicológicas desse movimento evolutivo, sua expressividade e manifestações ao nível do comportamento e da adaptação social são dependentes da cultura e da sociedade em que o processo se desenvolve.

Esse processo, como é vivido na cultura ocidental, surgiu com a industrialização e o desenvolvimento da burguesia.

Ariès (1973/1981), em seu livro *História social da criança e da família*, no capítulo “As idades da vida”, relata um estudo interessante. Mostra-nos que, na língua francesa, as palavras oriundas do latim

puer e *adolescens* eram empregadas indiferentemente. A expressão fundamental que se conhecia era *enfant* (crianças).

Somente em meados do século XVI passou-se a diferenciar *enfance*, *jeunesse* e *vieillesse* (infância, juventude e velhice). A expressão juventude abrangia uma idade mais tardia e significava “força da idade”. Não havia, portanto, lugar para a adolescência.

O *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* diz que adolescente é aquele que: “está no começo, que ainda não atingiu todo o vigor”; portanto, aquele que antecede à juventude.

Em cada época, a sociedade tem privilegiado mais uma idade do que outra. Assim, a juventude teria sido valorizada no século XVII, e “o primeiro adolescente moderno típico teria sido o Siegfried, de Wagner”. A música de Siegfried exprimia, pela primeira vez, a mistura de pureza, força física, naturismo, espontaneidade e alegria de viver, a qual faria do adolescente o herói do nosso século XX. Tais seriam as variações conceituais expressando as transformações que ocorrem na compreensão das sociedades, com suas culturas no decorrer do tempo e na dependência de questões demográficas, como afirma Ariès.

A sociedade tende a se organizar em torno de regras, leis, costumes e tradições que, por meio da cultura, se perpetuam como valores grupais comumente aceitos por seus integrantes. Nesse sentido, as sociedades estabelecem os elementos que definem os *status* infantil e adulto, bem como a modalidade de resolução dessa transição.

Entende-se aqui por modalidade o conjunto de critérios socialmente em vigor que marca a progressão do jovem para o *status* adulto. A escolaridade, por exemplo, pode ser utilizada como um dos critérios presentes em nossa cultura, e caracteriza uma diversidade de *status* dentro da sociedade.

Durante os séculos XVII e XVIII, crianças de 10 e jovens de 25 anos frequentavam a mesma classe escolar. Não havia discriminação

programática e de atividades em relação ao momento do desenvolvimento. As crianças e os adolescentes eram expostos, explicitamente, a situações de violência e sexo. Não se imaginava que elas fossem indiferentes a essas situações, mas também não havia preocupação em relação às repercussões sobre o seu desenvolvimento. Muitos talvez acreditassem que a criança, pelo menos até os 12 anos, fosse alheia e indiferente a essas situações.

O conhecimento humano evoluiu em relação ao desenvolvimento biopsicossocial, mas a essência do seu comportamento persiste, graças às características pulsionais inerentes à espécie. Freud e seus seguidores identificaram, sistematizaram e deram forma científica àquilo com que a mitologia, os poetas, desde a Antiguidade, e as religiões primitivas tentavam lidar: as condições da alma humana. A agressividade humana, perceptível nas guerras, na violência urbana ou no âmbito familiar e pessoal, assim como as manifestações amorosas, sofrem as influências da cultura vigente e as influenciam, num processo dinâmico e constante.

As transformações da cultura, por sua vez, podem ser observadas, na atualidade, por exemplo, na vulgarização do privativo ou na perda de referências na relação entre o individual e o coletivo. O comportamento sexual e sua liberalização, assim como a violência inescotável e embutida na alma, fazem com que, em certo sentido, o homem contemporâneo não difira, em sua essência pulsional, de seus ancestrais mais primitivos.

A vida coletiva, em sociedade, acrescida dos processos de corticalização com sua capacidade simbólica, faz com que haja mudanças nas formas de expressão da vida pulsional. Esta, por sua vez, se transforma, pela cultura, em elementos da vida afetivo-emocional e do conhecimento humano que interferem na cultura, mobilizada pelas pulsões. Em *O mal-estar na cultura e Totem e tabu*, Freud (1930/1973d, 1912-1913/1973c) retrata brilhantemente essa situação.

A puberdade, portanto, é um processo decorrente das transformações biológicas, enquanto a adolescência é fundamentalmente psicossocial. Ela é desencadeada, impelida e concomitante às alterações biológicas que intervêm na maturação das manifestações pulsionais e são inerentes a esse período. Vale lembrar que as velocidades de maturação de cada setor (biológico, psicológico e social) e das partes que os compõem são distintas e interatuantes, dando o colorido típico que caracteriza o adolescente de nossa sociedade.

Apesar de o processo da adolescência depender de fatores extrínsecos e regionais, há aspectos que podem ser considerados universais.

Das civilizações primitivas até as consideradas modernas e progressistas, todas elas dão um significado social por ocasião da aquisição da capacidade reprodutora, evidenciada pelo início da ejaculação e pela menarca, centralizada no tabu do incesto e no significado da representação totêmica. Condições que determinam a busca, fora da família, de um novo objeto de amor.

Na sociedade contemporânea, o jovem é acrescido de mais uma função para poder alcançar a condição adulta e ser reconhecido pela sociedade como tal. Ele deve possuir condições para se encarregar de seu próprio destino, qualidade esta tão difícil de ser atingida em nossos dias, devido às conjunturas sociopolítico-econômicas que as sociedades contemporâneas estão atravessando.

A sociedade, com sua cultura e tradições, estabelece pré-requisitos e critérios que o jovem deverá suplantar para atingir o status adulto. O indígena púbere, tendo adquirido a função reprodutora e estando apto à caça ou à guerra, estava apto para o exercício das funções e capacitado para integrar a comunidade adulta.

Hoje, em nossa sociedade, as condições necessárias para a ascensão à vida adulta envolvem aspectos que ampliam as dificuldades e complexidades, tornando essa fase de transição mais prolongada e aparentemente mais penosa.

O jovem tem de se confrontar com aspectos sociais, políticos, filosóficos, religiosos, econômicos e profissionais, sem considerar aqui todo o processo afetivo subjacente.

A velocidade e a intensidade de penetração com que os meios de comunicação atingem as culturas têm sido nos últimos tempos tão intensas que suplantam a possibilidade de assimilação e distorcem culturas tradicionalmente estáveis. Essa plêiade de valores torna ainda mais complexo esse período fundamental para a organização da personalidade do indivíduo.

Certas sociedades desenvolvem “rituais de passagem”, os quais facilitam o processo de integração à comunidade adulta.

Na tradição cristã, a primeira comunhão representa um momento de consagração, que coincide com um período de aparente inocência e pudor.

Na tradição judaica, celebram-se o *Bar Mitzvah* e o *Bat Mitzvah*, ritos puberais que marcam a passagem de meninos e meninas, respectivamente aos 13 e 12 anos de idade, indicando que a infância está chegando ao fim.

O *Bat Mitzvah* já é o reflexo da interferência de novos valores sobre o ritual milenar. As comunidades judaicas progressistas e reformistas têm introduzido um ritual mais adequado às condições da cultura contemporânea. As mulheres, nessas comunidades, equiparam-se ao *status* tradicionalmente ocupado pelo homem, ao terem conquistado o direito de subir ao púlpito e fazer a leitura da *Torah*, o livro sagrado. Esses ritos puberais marcam o acesso ao *status* adulto, com suas obrigações e deveres.

No passado, em condições diferentes de vida, essa cerimônia religiosa, como a de outras culturas, tinha importante significado. Além do critério biológico, indicando o início da vida reprodutora, o jovem submetia-se a provas impostas pela comunidade para poder ocupar

seu papel de adulto. Com o tempo, muitos desses ritos de iniciação adquiriram uma conotação espiritual e moral, constituindo-se num importante marco religioso-cultural. Representava submissão às leis que definiam a tradição e sua perpetuação.

No *Talmud*, conjunto de livros escritos por rabinos durante a Era Helenística da história judaica, há uma interpretação que faz referência aos 13 anos como sendo a idade apropriada para começar a cumprir os 613 mandamentos da Bíblia. Por outro lado, o sábio Eleazar teria dito: “até o décimo terceiro ano é dever do pai educar seu filho”, e complementa: “abençoado aquele que tirou de mim a responsabilidade por esse rapaz”. A conduta moral, a preservação dos ritos e costumes, bem como a devoção, passavam a ser de responsabilidade exclusiva do rapaz.

Nos dias atuais, essa cerimônia perdeu seu significado. Em muitos casos, ela é apenas uma prática formal e desprovida de real significado social e religioso. Para alguns, é apenas uma forma de retratação do *status* econômico alcançado por certas famílias. Mas, em sua essência, é um momento alegre e de dor, de aspiração e de temor. Não é fácil carregar os rolos da lei e assumir os compromissos que a tradição pretende.

Esses rituais marcam a ruptura pelos jovens de seus laços domésticos e consagram a passagem da vida circunscrita à família para a vida comunitária.

O conteúdo e a duração desses ritos variam de uma sociedade para outra, em virtude da natureza das atividades e obrigações que definem as prerrogativas da idade adulta de uma determinada cultura, conforme caracteriza Reymond-Rivier (1965/1974).

Mesmo em sociedades cujo ritual de passagem se caracteriza por intenso sofrimento físico ou psíquico, os jovens demonstram desejos ardorosos de se submeterem a eles. Isso pelo significado que representam em termos de aptidão, dignidade, consideração e aceitação

pela sociedade adulta. Tais rituais possibilitam-no exibir-se a si e aos demais parceiros e adultos, favorecendo o desenvolvimento de sentimentos de segurança, de autoestima e de confiança. A resultante é a abreviação e a facilitação da resolução psicológica da crise juvenil.

Qualquer que seja o contexto sociocultural, a adolescência será sempre um período de crise e de desequilíbrio. Essas características são devidas tanto às mudanças fisiológicas que se realizam quanto às repercussões psicológicas de inserção do jovem na comunidade adulta.

Raymond-Rivier afirma que, em relação ao adolescente, o que difere um indivíduo de outro e uma cultura de outra é a amplitude e a intensidade da crise, sua forma de expressão e a solução que se lhe dá.

A sociedade ocidental moderna tornou mais complexa essa passagem para a vida adulta. O jovem se vê diante de inúmeras variáveis e possibilidades de opção. Por um lado, são-lhe oferecidas maiores perspectivas de vida, e, por outro, defronta-se com uma ampla gama de oportunidades para a realização de experiências. As conseqüências dessas transformações são a ampliação do tempo de duração do processo e uma complexidade maior na busca de sua identidade adulta.

Entre nós, existe uma grande discrepância entre os processos de maturação biológica, psicológica e social. Não há um ritual definido de passagem, mas é necessário galgar várias etapas, em diferentes setores da vida psicológica, social, comunitária, econômica, profissional, legal, religiosa, moral e outros, para poder atingir, ou melhor, conquistar o status adulto.

Por exemplo, em nosso meio, possuir carro ou prestar vestibular, entre adolescentes da classe média, entre outras coisas, tem adquirido a característica de critério valorativo de passagem à vida adulta.

A dissociação entre o biológico e os diversos níveis de maturação psicossocial passa a ser um importante fator de tensão entre os jovens. Fisicamente eles podem estar aptos para exercer suas funções sexuais,

mas encontram diante de si as forças da cultura, da sociedade e dos riscos que existem ante os desejos de plena liberação e desenvolvimento dessas funções.

Ou, dito de outra forma, não basta se liberar: torna-se necessário aprender a lidar com seu corpo, seus desejos, seus afetos e, principalmente, ter consciência das repercussões objetivas e subjetivas em sua vida. Frequentemente, o que ocorre em nossa cultura é se tomar consciência após os fatos estarem consumados. Daí a importância das campanhas de esclarecimento e da necessidade de educação preventiva.

Surgem questões relativas à possibilidade de gravidez, do uso indiscriminado de contraceptivos ou da prática do aborto, de contaminação por infecções sexualmente transmissíveis e, atualmente, o fantasma da aids. Toda uma série de pressões e repercussões que recaem sobre sua vida emocional.

Tais níveis de envolvimento emocional e cognitivo requerem maturidade e disponibilidade para funcionar dentro do princípio de realidade individual e social. Elementos que, por sua vez, vão sendo adquiridos a partir de vivências que contêm níveis de contradições e conflitos que o adolescente necessita atravessar e aprender a enfrentar.

As contradições existentes entre a vida biológica e as imposições da cultura desencadeiam conflitos que serão tanto mais intensos quanto maiores tiverem sido os pontos de fixação e as características regressivas durante a infância.

Observa-se que adolescentes cuja infância tenha sido regida por uma severidade moral, por critérios perfeccionistas, ou que tiveram suas experiências sexuais infantis gravemente reprimidas, estarão mais vulneráveis a conflitos internos em suas relações com o meio que os cerca.

Há certa expectativa por parte da sociedade de que o jovem se porte como um adulto, sabendo-se que ele não o é.

Parece-me que a mesma sociedade que deve assimilá-lo e que necessita do jovem não está muito preocupada com o vir a ser da juventude. Também não o aceita como ele é. Caso contrário, haveria movimentos mais atuantes e constantes no sentido de uma maior integração do adolescente à sociedade da qual ele faz parte, e sobre a qual ele interfere, positiva e negativamente, como qualquer outro membro dela.

O jovem, em parte, é fruto dessa sociedade que o formou e que, agora, o repele ou lhe dá pouca guarida ante suas necessidades afetivas e de valores. Seus “atos irresponsáveis” (dirigir sem habilitação, atos de vandalismo) não são nem mais nem menos perniciosos que aqueles modelos que lhe são apresentados diariamente por meio da violência da mídia, ou de mecanismos políticos repletos de corrupção.

A violência dos mais diferentes gêneros, em nossa sociedade, passa a ser o elemento de autoafirmação entre certos grupos sociais.

A própria máquina de propaganda de nosso sistema incentiva atitudes desse tipo. Estimula-se a legalidade, enquanto o poder instituído corrompe. Prega-se contra a fome a partir da caridade, da solidariedade, elementos fundamentais para a convivência social, mas são escassas as oportunidades para aprender a pescar.

Até bem pouco tempo atrás, a educação sexual nas escolas públicas, no Brasil, era proibida. Muitas discussões ocorreram sobre a validade e os aspectos morais dessa iniciativa. Entretanto, o uso de propagandas na mídia, por meio de mensagens com supervalorização do aspecto erótico, visando ao grande consumo, vinha sendo veiculado sem maiores restrições. Estou assinalando não uma questão moralista, mas um aspecto paradoxal na veiculação dos códigos sociais, em virtude de interesses e poderes dominantes.

Com a propagação geométrica da aids, os conceitos éticos referentes ao sexo se transformaram. Hoje, torna-se imperiosa e

inquestionável a necessidade de levar a educação sexual às famílias, às escolas, a qualquer lugar, precocemente.

Na atualidade, inúmeros fatores, como o poder econômico e os avanços tecnológicos, participam desse processo contínuo de transformações sociais.

Existe, portanto, na sociedade, uma fisiologia em constante mutação, com seus fatores constantes e controláveis, por um lado, e, por outro, com seus valores variáveis e imprevisíveis. É um processo que, em sua essência, não difere fundamentalmente daquilo que se passa na evolução psicossocial do indivíduo. A psicanálise, com as proposições e conceitos propostos a partir de Freud, nos ajuda a compreender, por meio de seus conceitos metapsicológicos, os aspectos estruturais, dinâmicos e econômicos que compõem o funcionamento mental.

Outra característica contraditória de nossa sociedade está no fato de que o jovem é considerado suficientemente adulto aos 16 anos para votar, e aos 18 responde legalmente pelos seus atos. Porém, economicamente não o é, e dificilmente o será aos 21 anos, condição que dificulta sua real emancipação.

Desejoso de construir seu próprio núcleo familiar, vê-se tolhido pela dependência econômica, pois ainda não concluiu seus estudos. Se trabalha, o que ganha não é suficiente para formar e sustentar uma nova família. Muitos se casam e vivem numa relação de dependência da família original, a qual, por sua vez, se sente com certos direitos, interferindo sobre a vida do jovem casal.

Aqueles adolescentes que têm a possibilidade de frequentar uma escola, para depois alcançar uma faculdade, precisam definir aos 16 anos o que desejam ser no futuro. Definição imperiosa, imposta pelo sistema educacional vigente, que ocorre, justamente, no auge de sua crise de identidade.

A estrutura do segundo grau escolar e a universitária não estão suficientemente aparelhadas pessoal e tecnicamente para lidar com

o tempo necessário e as vicissitudes do processo de maturação emocional dos jovens. São fatores imprescindíveis, a serem considerados, para uma adequada definição profissional.

Pode-se inferir que, quanto mais complexa for a sociedade, maiores serão os pré-requisitos necessários para que o jovem possa integrar a sociedade adulta. A consequência direta é o prolongamento do processo de transição.

Além dos fatores externos assinalados, outros participam na expressividade do processo de adolescência, como aspectos da personalidade do indivíduo, seu caráter, sua história biográfica, incluindo experiências traumáticas e prazerosas, que dão a configuração do quadro psicológico e comportamental.

Encontramos, em nossa sociedade, indivíduos que vivem o processo adolescente de forma extremamente curta, e outros que o pro-
telam de maneira interminável.

Os primeiros, em decorrência de contingências basicamente socioeconômicas, veem-se muito cedo na vida adulta sem que tenham tido tempo suficiente para elaboração e amadurecimento de seus conflitos maturacionais. Essa passagem rápida pela adolescência limita-os em suas possibilidades vivenciais, desvinculadas do peso de certa responsabilidade. Coloca-os prontamente em contato com a realidade, e isso pode, por um lado, restringir o campo das experiências intelectuais e afetivas, e, por outro, os coloca na condição de terem de se adaptar à realidade. Assim, o jovem se vê na necessidade de assumir prontamente um nível de autonomia e responsabilidade que lhe permite menos as condições para errar, fracassar, reformular, questionar, duvidar. A preocupação básica passa a ser a sobrevivência. É uma situação de certa desvantagem em relação às possibilidades de escolha e oportunidades ante outros jovens da mesma faixa etária e em outras condições socioculturais.

No outro extremo encontram-se os “adolescentes profissionais”. São indivíduos cronologicamente adultos, mas cujo processo adolescente se estende no tempo, mantendo-os num estado de dependência afetiva e econômica. O fator socioeconômico-cultural também está presente nessa situação. Podem ser jovens de famílias abastadas ou não. Alguns deles não se sentem gratificados em assumir suas responsabilidades pessoais e comunitárias. Não querem perder seus privilégios infantis e encontram respaldo na família, que se incumbirá de protegê-los, prolongando o estado de imaturidade.

Em nossa sociedade, os critérios que definem a inserção do indivíduo na sociedade adulta são: maturidade, independência, autodeterminação, responsabilidade e atividade sexual efetivamente adulta. Compreende-se este último aspecto como implicitamente ligado à possibilidade de procriação e a condições socioeconômicas para estabelecer uma família.

Como referi anteriormente, a velocidade e a difusão dos meios de comunicação vêm abalando os valores tradicionais das sociedades contemporâneas. Elas estão sendo invadidas por valores estranhos a elas, diluindo-as, descaracterizando-as, ocorrendo transformações na cultura original. Com frequência, sem que se tenha o tempo necessário para sua assimilação. Basta observar o que se passa em nosso meio com relação aos valores relacionados à sexualidade (quanto à virgindade, à liberdade sexual, à homossexualidade, à quebra do ideal de pureza e abstinência, à aparição de movimentos feministas), principalmente quando tais valores atingem populações provincianas, até então herméticas em seu sistema de valores.

Esse conjunto de transformações contribui para aumentar os conflitos e a complexidade do processo de adolescência.

O adolescente está à procura de sua identidade adulta. Busca novos modelos de identificação, e as possibilidades de fazê-lo numa sociedade urbana, industrializada, são relativamente ilimitadas. São

infindáveis as alternativas que existem diante de si, por meio de seus colegas de escola, dos grupos a que pertence, do seu professor, técnico de esportes, um artista, um ídolo político ou religioso.

Com relação à definição da identidade sexual, o Comitê sobre Adolescência do Grupo para Adiantamento da Psiquiatria (Estados Unidos) assim se expressa: “Na sociedade atual há uma tendência para papéis definidos pelo sexo tornarem-se ambíguos, e a criança em vias de desenvolvimento talvez careça de pistas claras, além das anatômicas, para estabelecer a diferenciação dos sexos...” e acrescenta: “deixa o adolescente em luta com sua mais importante tarefa de identidade, a sexual, na ausência de papéis claramente definidos pelo sexo”.

Antigamente, o filho de artesão era artesão e a menina era criada para ser dona de casa e mãe de família. Hoje as coisas são diferentes. A medicina moderna pesquisa a inoculação de óvulos de menina morta em mulheres desejosas de engravidar, e homens estão gestando bebês a partir de suas alças intestinais.

É a contradição entre a evolução do conhecimento *versus* a perda ou a necessidade de encontrar novos parâmetros. Ao escrever estas questões, provavelmente já estarei ultrapassado, e nem sei ao certo quais são minhas posições pessoais sobre elas.

O pensamento dialético é uma condição necessária e talvez seja o único meio que possibilite ao indivíduo a liberdade de opção. Em cada situação, é possível identificar tanto os aspectos positivos quanto os negativos, os construtivos e os destrutivos, os desejos a serem satisfeitos ou a serem frustrados. É dentro dessa dinâmica de tomada de consciência e de reflexão que, no meu entender, o homem pode alcançar um sentimento de “liberdade individual, de livre arbítrio”.

Entretanto, diante da complexidade dos problemas originados a partir dos progressos científicos ligados à área da fertilização, sinto-me como um adolescente, quando não como um bebê, pela total ignorância em relação ao assunto. Aquilo que é conveniente para uns,

em nível pessoal, pode não ser para a sociedade e vice-versa. São coisas do pensamento moderno, recentes como preocupação na mente humana, resultado das evoluções inerentes à progressão do conhecimento humano, fruto da expressão de uma pulsão epistemofílica.

Os impulsos para uma vida sexual ativa estão presentes, independentemente da cultura. As possibilidades de experimentação, que favorecem a identidade sexual, são restringidas pelas expectativas da cultura e decorrem do conflito edípico, fruto da interdição do incesto. Os alicerces da cultura encontram-se na resolução do complexo de Édipo, por meio dos processos de identificação, de sublimação e da organização do superego, com suas funções organizadoras e repressoras.

Espera-se que o jovem aprenda a controlar seus impulsos sexuais e agressivos num período em que ele se sente pouco habilitado para fazê-lo, levando-o a reprimi-los ou liberá-los. Não raro passam à ação, muitas vezes de forma impulsiva e inconsequente, constituindo o *acting out*. Isto é, agem por descarga, não usando devidamente sua capacidade para pensar com criatividade. O que se observa comumente é que, uma vez satisfeito o desejo imediato, ocorrida a descarga, surgem o conflito interno e a dor, decorrentes de sentimentos de culpa e da possibilidade de uma reconstrução reparadora.

As características do processo adolescente variam dentro de uma mesma sociedade, considerando-se, como já foi assinalado, os aspectos socioeconômicos da classe à qual o indivíduo pertence.

Exemplifico com o trabalho de Harari et al. (1974), que estudaram o desenvolvimento da identidade sexual em adolescentes mulheres oriundas de famílias marginalizadas da população da Grande Buenos Aires. Os autores verificaram que essas adolescentes desempenhavam, dentro da estrutura familiar, funções específicas e distintas daquelas exercidas por moças de mesma idade, mas de outra classe social. Evidenciaram que a primeira relação sexual, nesse grupo, surge abruptamente e costuma ocorrer no fim do período puberal.

Essa experiência corrobora dados nacionais (Organização Mundial da Saúde [OMS], 1990, p. 90) em relação ao que ocorre com meninas pobres de 12 anos ou menos, que muitas vezes são estimuladas à prostituição pela própria família, como forma de sustento.

Os adolescentes dos grandes centros urbanos, dentro de uma cultura de classe média, têm-se apresentado como jovens instáveis, inseguros, rebeldes, com grande oscilação do comportamento e do humor. Vão da expansividade à retração social. Vivem períodos ou momentos de energia e coragem desmedidas, cheios de luta e ideais quixotescos, sonhos e aventuras, que podem ser prontamente convertidos em sentimentos de depressão, incertezas, passividade e desânimo.

Anna Freud et al. (1972) chamam a atenção para três aspectos característicos de nossa sociedade que contribuem para o aumento de tensão entre os adolescentes:

- a. Em primeiro lugar, salientam que, justamente num período em que todas as energias do adolescente estão voltadas para a solução dos problemas trazidos por seu crescimento somático e sexual, dele se exige que produza academicamente, faça escolha de uma profissão e assuma crescentes responsabilidades sociais e financeiras.
- b. A óbvia preponderância dos problemas sexuais na adolescência obscurece o papel concomitante da agressão. A autora lembra países onde as energias agressivas do adolescente são empregadas em atividades bélicas, socialmente aprovadas, e nos quais há uma incidência menor de problemas com adolescentes. Acrescenta que certos países altamente politizados canalizam essa energia dos jovens para movimentos ideológicos, em que a luta intelectual e democrática é edificante.
- c. O importante não é considerar como o adolescente se comporta em casa, na escola ou na sociedade, e sim que tipo de

desenvolvimento é mais satisfatório para que ele atinja uma forma de vida adulta adequada.

O mundo adulto, enfim, não deixa de ser um mundo idealizado em suas normas e regras sociais. Tem-se de viver com suas contradições, o que contribui para incrementar os conflitos do adolescente, cujo processo, por si só, é rico em contradições.

Fala-se de amor e se faz a guerra, e, por meio da guerra, almeja-se a paz. Deseja-se liberdade, fala-se de confiança, mas usa-se da repressão, da violência e do suborno. Defende-se o sexo como expressão sublime do amor, e vende-se o corpo em anúncios de qualquer coisa que possa ser consumida. É nesse mundo de contradições que o adolescente precisa aprender a viver, com as suas ansiedades e com as do próximo, esperançoso e desejoso de encontrar-se.

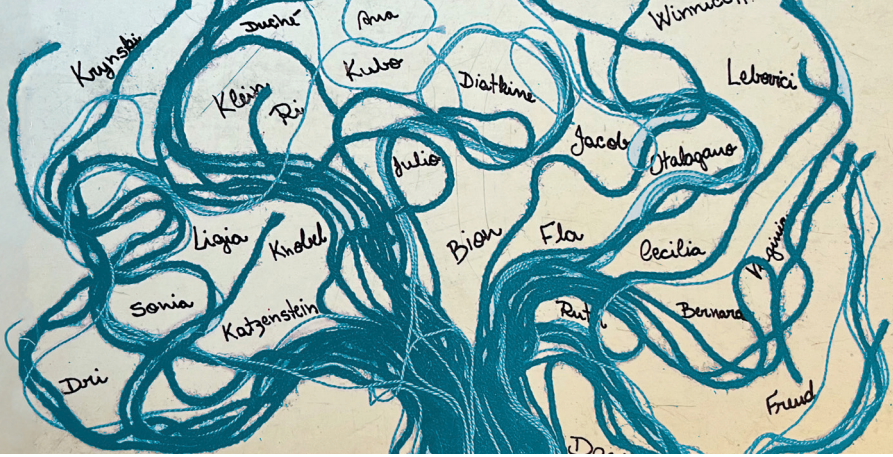
Desenvolvimento psicológico do adolescente

Introdução às bases psicanalíticas da organização psíquica

Pretendo nesta seção recordar, de forma sucinta, alguns elementos que compõem as bases do pensamento psicanalítico, à guisa de introdução aos temas que advirão, aos quais dou um tratamento eminentemente psicanalítico.

O equilíbrio da vida afetiva está na dependência da integração entre as necessidades instintivas (de natureza endógena, hereditária ou genética) e o meio ambiente. O organismo, com seus recursos, procura satisfazer suas necessidades internas em busca de um estado de equilíbrio vital.

O aparelho psíquico, segundo a escola psicanalítica desenvolvida a partir de Freud (1895-1900/1973a), possui uma organização estrutural, dinâmica e econômica. A energia que o mobiliza tem origem nos impulsos instintivos e impele o organismo para a atividade, em busca de



Neste livro, a criatividade do autor nos brinda com textos em que, de forma clara e profunda, são discutidos fatores relacionados ao desenvolvimento adolescente e suas perturbações, sem descuidar dos aspectos familiares e sociais. Defrontamo-nos com uma clínica psicanalítica densa e complexa, longe de ideias panfletárias que buscam reduzir a psicanálise a fórmulas simplistas.

Tive a satisfação de acompanhar a trajetória profissional de Levisky, que precocemente revelou sua imensa capacidade de entrar em contato com a mente inconsciente, levando-o a tornar-se um dos mais respeitados psiquiatras e analistas de nossa geração. A primeira edição deste livro, de 1995, foi um marco editorial. Ao revê-lo, surpreendo-me com a quantidade de frases que grifei na ocasião, refletindo a influência que exerceu em minha prática.

Roosevelt Cassorla (in memoriam)

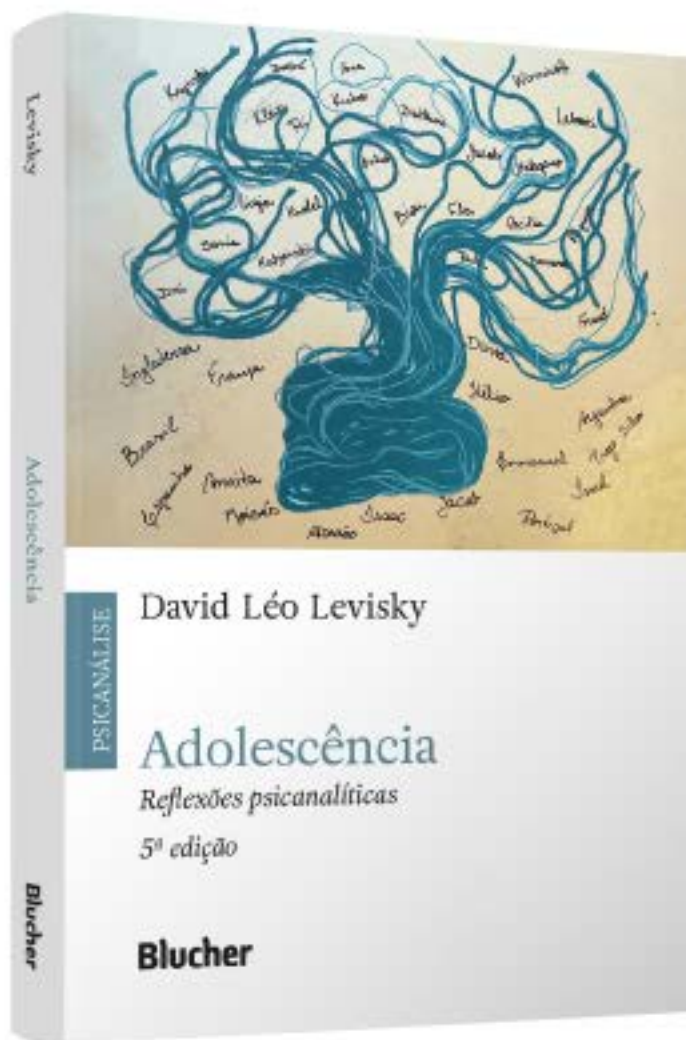
Professor Titular da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

PSICANÁLISE



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Adolescência

Reflexões psicanalíticas

David Léo Levisky

ISBN: 9788521224907

Páginas: 496

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024
